SANTO TIRSO
(Museu Municipal Abade Pedrosa)

O Museu Municipal Abade Pedrosa está instalado na antiga hospedaria do Mosteiro de Santo Tirso, que foi fundado por Dona Unisco Godiniz, em 978. A sua filiação à Ordem Beneditina ocorre em 1092. A sua atual composição resulta, em grande medida, das amplas obras realizadas no século XVII, dirigidas por Frei João Turriano, e da requalificação projetada e concretizada em 2016 projetada pelos arquitetos Álvaro Siza Viera e Eduardo Souto de Moura para acolhimento da Sede do Museu de Escultura Contemporânea de Santo Tirso, dando resposta às necessidades museológicas mais recentes.

O Museu Municipal Abade Pedrosa, foi inaugurado e formalmente aberto ao público com uma exposição dedicada à arqueologia do concelho a 10 de março de 1989. O acervo museológico exposto é constituído essencialmente por objetos arqueológicos, provenientes de vários sítios da região, cujo horizonte cronológico se desenvolve desde o Paleolítico à Época Contemporânea, complementado por extensão dedicada à industrialização e à transformação do território e da paisagem, cujo processo se desenvolveu a partir de meados do século XIX.

Fonte: Museu Municipal Abade Pedrosa (cm-stirso.pt)

Segmento de aplicação de cruz (Monte Padrão, Santo Tirso)

O Museu Municipal Abade de Pedrosa, em Santo Tirso, expõe uma placa em cobre dourado com aplicação de esmalte *champlevé*, proveniente da estação arqueológica de Monte Padrão (Monte Córdova, Santo Tirso). A peça foi encontrada no contexto da escavação de 1987, quase à superfície (fase IX) e, por isso, sem enquadramento estratigráfico. Esta circunstância não permite aferir uma datação mais fina para esta peça, que deverá datar, pelas características estilísticas, das primeiras décadas do século XIII.

O segmento apresenta uma forma trapezoidal (8,4 cm x 10 cm x 0,4 cm de espessura e 86,3 g de peso), de recorte estilizado em flor-de-lis na extremidade direita, com quatro furos em cada uma das extremidades a denunciar os pontos de fixação à original alma de madeira. A peça evidencia perdas de douramento e de esmalte aplicado sobre cavidades escavadas a buril. As cores utilizadas foram o azul, com recurso a três tons, verde, vermelho, amarelo e branco, distribuídas por círculos concêntricos e friso contínuos. Repetem-se as sequências vermelho-azul claro-branco e vermelho-verde-amarelo, tal como é frequente nos esmaltes *champlevé* de tradição limusina. A configuração e arranjo, bem como a presença da imagem referente a São João Evangelista (8,6 cm), permitem confirmar que se trata



Segmento de aplicação de cruz proveniente de Monte Padrão

de uma placa destinada ao remate direito do patíbulo de uma cruz processional e/ou de altar.

A pequena imagem, em meio relevo, encontra-se pregada à placa por dois elementos de fixação. O corpo enquadra o perfil do segmento, encontrando-se a cabeça destacada. O rosto frontal evidencia amplos vestígios de douradura, apesar dos sinais de corrosão, mantendo ainda os dois apontamentos de esmalte negro nas cavidades oculares. À semelhança do que é possível observar em peças semelhantes, São João, revestido com túnica e manto debruado com motivos geométricos, segura o livro do Evangelho com a mão esquerda, devidamente velada, levando a direita ao peito em gesto de dor.

As características técnicas e dos esmaltes aplicados denunciam uma produção de Limoges ou "ao modo de", cujos objetos conheceram uma ampla difusão por toda a Europa. Gauthier situou este tipo de remates numa cronologia compreendida entre *circa* 1190 e *circa* 1220. Apesar de não ser possível enquadrar o achado numa estratigrafia arqueológica, Santos recorda que a fase VI desta estação de Monte Padrão corresponde a um período de ocupação do final do século XII e início do XIII, ou seja, compatível com a da pequena placa. Este período corresponde à ampliação de um edifício pré-românico e construção das estruturas de apoio ao mosteiro de São Salvador de Monte Córdova, evidenciando as dinâmicas dos espaços sacros no local, que necessitavam de alfaias imprescindíveis à liturgia e culto. A qualidade técnica manifestada no pequeno fragmento, que sugere a aplicação numa cruz com cerca de 65 a 70 cm de tamanho, reitera a importância destes objetos facilmente transportáveis, na difusão das técnicas, formas e linguagens artísticas. O prestígio que as cruzes de cobre dourado e esmaltado conheceram neste período também pode ser atestado, assim, através destes pequenos fragmentos, aos quais, pela escassez de peças integrais que nos chegaram, merecem a devida importância histórica, material e artística.

Texto: ACS - Foto: JNG

Bibliografia

MOREIRA, A.B., 1997, pp. 83-86; MOREIRA, A.B., 2014, pp. 143-144; MOREIRA, A.B., 2016, p. 118; SANTOS, A.P.M., 2018, I, p. 146 e II, peça n.º 9, pp. 45-46.